



SUZANA
E O
MENINO
DA
JANTE



TELMO PIRES

SUZANA E O MENINO DA JANTE

TELMO PIRES

Conto Suzana e o menino da jante

Escrito por Telmo Pires

Revisão e edição: Telmo Pires

Capa: Dito Benedito

2021

Aos meus irmãos, especialmente a
Carolina

*“Se ponho a mão a cuidar da juventude,
tomo parte na reforma do mundo inteiro.”*

- Pe. Pedro Leonardi

Para ela a vida era como um arco-íris. Não eram as cores, mas a efemeridade. Fazia tempo que a casa inundada de pessoas camuflava a sua introversão. Só Maria a controlava, todos os gestos. Capturava o olhar de quem deslembrou o gosto do sol. Durante dias, familiares e amigos entravam para dar os pêsames e saíam pela mesma porta.

— Mano, diminui só o volume.

— Já disse para ires comer.

— Estou sem fome.

Victor recebia o prato e voltava ao quarto, sem sequer insistir.

“Essa criança é adulta. Devias ver como ela conversa com os bonecos da televisão. É como se estivesse mesmo lá...”

— Há um mês que isso mudou — cortou Maria. — Mas ninguém nota isso.

— Talvez seja por passar muito tempo em casa, coisa da covid-19. Mas o comando vive na mão dela...

— Vivia! Ela agora só gosta de colorir. Diz ter ouvido o Man Manele dizer que o mundo perdeu a cor, na véspera da morte da Joana. Desde

então a miúda só pinta. Pinta tudo, principalmente o sol...

— Como assim?

— Ela chama de objecto voador que Deus deixa cair do bolso todas as manhãs e que só apanha quando volta do serviço, à tardinha.

— Essas crianças, Tchissola... Essas crianças...

E retomaram os passos para o destino original.

No dia seguinte a menina acordou antes do sol cutucar as persianas. Victor, o irmão mais velho de Suzana, ainda tentava se recuperar das bebidas às escondidas do dia anterior. Aproveitou as constantes movimentações em casa para guardar as grades de cerveja que haviam sobrado do óbito e bebeu até adormecer. O pai já estava na estrada a caminho do serviço. A menina colocou o lanche na pasta e saiu. O sino da Paróquia Nossa Senhora de Fátima bateu na sua orelha para anunciar a hora 8 da manhã. Apesar do barulho do sino, a rua estava silenciosa. Na estrada, carros trafegavam o tempo todo, destinos repartidos entre o trabalho na baixa de Luanda e a escola dos miúdos. A menina, desassustada, atravessou a estrada e passou para o lado da Macambira. Na estrutura partida, havia

meninos a jogarem a bola. O capim alto ainda conseguia camuflar os poucos que fumavam liamba lá ao fundo. Na porta da nova Macambira havia uma fila enorme de pessoas, carros, botijas... Faltava gás em toda a cidade. Suzana perpassou aquele perímetro todo sem pronunciar qualquer palavra. Sentou-se num dos bancos perto do viaduto, apertou a blusa que estava na mão ao peito e suspirou:

— Mamã, se estás a me ouvir, por favor me mostra o caminho até ti — pensou.

“ Meu balão, meu balãozinho...”

Lá no céu,

Não cai mais não,

Vai dizer às estrelas

Que eu gosto do avozinho...”

— Miúdo...! — gritou a Suzana para o menino da jante.

— Xê, esse é qual azar? Essa é quem?

O miúdo redireccionou as jantes com o fio de plástico sustentado com um ferro pequeno.

— Miúda queres o quê já?

— Miúdo, desculpa, quero saber o caminho para o aeroporto...

O menino das jantes deu dois passos para frente, largou o ferro que equilibrava a jante e levou o indicador e o médio da mão direita à orelha.

— Como? Não percebi bem...

— A minha mãe foi para o céu. Pelo menos é o que dizem, já que ela não me despediu. Toda vez que passa um avião, eu sinto que é ela a chegar. O meu pai também olha para o céu. Mas fiquei cansada de esperar, vou visitar ela lá. Sabes onde fica o aeroporto?

O miúdo atirou-se ao chão e desatou gargalhadas. Dos olhos, pedaços de lágrimas se soltavam. Nos da menina acontecia o mesmo, mas por um motivo diferente. Ela baixou a cabeça, e ele, percebendo, parou de rir.

— Desculpa, desculpa, é que... Ninguém que foi visitar o familiar no céu voltou para contar como ele estava. Eu conheço toda Luanda. Essa minha jante conhece até a terra dos pulas. Mô tio era taxista, algumas vezes me levava e até deixava chamar passageiro e cobrar. O outro mô tio é piloto, me levava até para ver os jogos do Real

Madrid ao vivo. Essa jante caçumbulei lá, num pula, depois de um desses jogos...

— Mas conheces ou não? O aeroporto?

— Espera, espera! Eu conheço, se quiseres te mostro de perto.

— O Papá disse que tem covid-19 e que não podemos nos aproximar. Podes mostrar mesmo daqui, eu irei sozinha.

— Você não conhece nada. Vou ser o teu guia. Mas te digo já, nunca os môs tios me mandaram chamar a via do céu, os táxis p'ra lá são difíceis. Sobre os aviões já não sei.

A menina voltou a baixar a cabeça, mas o miúdo da jante afastou a angústia com uma palmada no ombro dela e um grito:

— Vamos, vamos, os vãos p'ra lá devem sair daqui a nada. "Câmbio, câmbio, apertem os cintos, desliga", e os dois avançaram.

Passaram o viaduto da unidade operativa, contornaram a tourada e seguiam em direcção ao Kassequel do Lourenço. No mesmo instante o irmão acordou e percebeu que a menina havia saído. Espreitou a rua com a ponta dos pés, a partir da janela, e viu o mesmo silêncio de sempre das Bês. Ligou ao pai, perguntou se tinha passado pela

casa e levado a menina para a escola, mas o pai negou. Instalou-se a tensão, o pai saiu do serviço num ápice e os dois foram para as ruas procurar a menina. O sol ardia como nunca. A jante acompanhava os meninos e servia de instrumental para o que o menino dizia. Ela, Suzana, sempre calada, apesar de soltar um sorriso de tempo em tempo.

— O que você quer ser quando crescer?
Perguntou o menino.

— Eu? Não sei ainda. Acho que sou muito nova para pensar sobre isso.

— Sonhar não tem idade ué, minha mãe sempre diz isso...

— A minha dizia para estudar só, se preocupar com isso depois!

— Tens sede?

O menino colocou a mão no bolso esquerdo da jeans rasgada.

— Tenho aqui dinheiro para comprar kissângua, sobrou do táxi que fiz com o mô tio.

— Deixa estar, estou bem.

O menino olhou para ela, depois para a embalagem de kissângua na caixa térmica da tia

que estava a vender e recolocou o dinheiro no mesmo bolso de onde havia saído.

— Eu sonho bué. Filho de pobre vive de sonho. Menina, menina, e se... Se os sonhos fossem cor, que cor eles seriam? Já alguma vez pensaste?

— Azul!

— Por que azul?

— Os sonhos parecem nuvens, céu... As nuvens parecem máquinas de realizar desejos e o fundo de tudo lá é azul.

O menino parou a jante e lançou o olhar para a direcção da menina.

— E quem foi que disse que o fundo das nuvens é azul?

— Os bonecos e os meus olhos. Podes ver, está aí, é só inclinares a cabeça...

— A minha mãe diz que o fundo das nuvens é feito de espelho e só mostra o que está aqui na terra. Aquilo não é azul.

A menina olhou para o céu, observou a rua meio movimentada e retirou a máscara para respirar um pouco o ar fresco.

— Está bem. Mas... Parece azul por quê?

— Ela diz que o nosso planeta tem bué de água e o espelho mostra a cor dessa água toda...

— Lá na escola disseram que água não tem cor. A tua mãe é professora?

— Para quem não fala muito você faz muitas perguntas. — O menino equilibrou a jante com uma das mãos. — Mete a máscara, mô dinheiro do táxi não chega p'ra dar na polícia. O conjunto de águas forma uma cor azul, não sei o porquê. Você... Começa a reparar na ilha de Luanda. Aquelas águas são azuis... vamos só, vamos...

A menina colocou a máscara de novo e ambos começaram a andar.

— Calma, calma. E p'ra você, de que cor são os sonhos?

— Arco-íris!

— Mas o arco-íris não possui a cor preta... E quando temos pesadelos, também são arco-íris?

— Isso já não sei. Anda só rápido, menina, tua mãe está à espera de ti...

E continuaram, passaram o kassequel do Lourenço, muitos militares alagando as filas do banco, mas o Mártires estava silencioso.

— Vem, vem... Fica aqui, não sai, precisamos nos esconder.

Depois de dois minutos o menino da jante fez sinal para avançarem.

— O que era?

— Não vais entender, vamos continuar a andar...

Victor e o pai continuaram as buscas. Ninguém reconhecia a menina da fotografia. Dividiram-se: Victor foi para o caminho do São Paulo, pelo norte, e o pai foi para o caminho do viaduto, passando pela Macambira. O senhor ficou de rastos, sem mais saber onde procurar. Quando chegou no viaduto, não fazia ideia se a menina fora pelo sentido do Primeiro de Maio ou o de Viana. Atravessou a estrada de novo e sentou-se num dos bancos do largo. Olhou para a fotografia, levou as mãos à cabeça e encolheu os ombros:

"Meu Deus, meu Deus... Primeiro a minha mulher e agora a minha filha está desaparecida. Que mal eu fiz para merecer tamanho azar?" Disse para si mesmo. Voltou a retirar a fotografia e fixou o olhar para ela.

— Essa é a menina que foi brincar com o menino da jante.

— Quem disse isso? O pai da menina virou a face para onde vinha a voz.

— Não liga muito esse velho, Senhor, ele não bate muito bem da cabeça — disse um jovem ao lado enquanto engraxava o sapato de um militar.

— Eles podem não acreditar em mim, mas eu vi a menina com o miúdo da jante.

O pai, com lágrimas no canto dos olhos, aproximou-se do velho.

— Como pode ter a certeza que viu a minha filha?

— Certeza, certeza não tenho. Ela estava com máscara no rosto, mas acredito ser ela.

O pai olhou para o velho, para os jovens ao lado, todos de máscara, para os carros que passavam, e olhou de novo para a fotografia.

— Papoite, não acredita mbora nesse velho. Desde manhã que não comeu nada, isso só aumentou a loucura dele...

— Para onde eles foram? Perguntou o pai. O velho levantou o indicador em direcção ao viaduto.

— Eles foram para o céu. Não sei bem o caminho, mas foram por aí.

O engraxador colocou-se aos risos.

— Eu disse que ele não batia bem, papoite.
Eu disse!

O pai não pronunciou nenhuma palavra. Atravessou e foi correndo pelo caminho da Tourada. Chegados na zona do Aeroporto 4 de Fevereiro, o caminho estava interditado.

— Aqui, nessa zona, todos os dias quando chega essa hora tem bué de carros que não andam, buzinam à toa. Mô tio reclama bué quando fazemos táxi. Olha, olha aí... Essa casa grande é o aeroporto onde vais apanhar o avião para o céu, mas tem polícias.

A menina arregalou os olhos e observou o trânsito empatado, as danças e gargalhadas no outro lado da estrada e baixou o rosto.

— Ela já foi há muito tempo?

— A minha mãe?

— Sim, a tua mãe. Sentes falta dela?

— Já não a vejo desde o dia que o papá chorou. — Levou as mãos ao fio que carregava no pescoço e apertou-o. — Sinto muita saudade...

— Menina, menina... Estou cansado de falar nos môs amigos também: não é saudade, é saldade!

— Como?

O menino colocou a jante que carregava no chão e usou o ferro que a controlava para escrever no passeio ao lado.

— S-A-L-D-A-D-E! É um tempo salgado do antigamente que às vezes aparece. Não sempre, só algumas vezes. Aparece quando se aproxima a data de aniversário do avô ou quando a tia Dorca liga do Brasil e a mamã fica a chorar. Aí, naquele exacto momento em que os lábios dela beijam as lágrimas que correm no rosto, é que acontece a Saldade.

— Tu acreditas nisso tudo?

— Eu? Eu não sei, nunca tive lágrimas de saldades — Baixou para apanhar a jante e o ferro.— A mamã fala que sou criança, que quando crescer vou entender.

— E dizes isso tudo por quê?

— Porque eu vejo, menina! Os mais velhos pensam que as crianças não vêem nada, mas nós não somos cegos. Às vezes não entendemos as palavras difíceis, mas ouvimos quase tudo e vamos pesquisar. Por exemplo, eu também vi no caderno do Kaluanda a palavra saldades, na redacção da

escola sobre o bairro em que vivemos. Ele é o mais barra da sala e estava escrito com L, não com u...

— Mas está errado! Saudades se escreve com U, não com L.

— Aquelas são outras saudades, menina, são outras saudades. Vamos, vamos, parece que vai chover, aviões não gostam de tomar banho na chuva.

Entraram no quintal do aeroporto. Tinha dois polícias na porta que dava à sala de embarque e um na área do estacionamento. Duas pessoas com o fato de protecção e biossegurança requisitavam os testes de covid-19, os documentos e mediam a temperatura.

— Como vamos passar para entrar? Perguntou a menina.— Podes falar com alguém p’ra chamar o teu tio piloto e vir nos buscar.

— Mô tio diz sempre p’ra lhe avisar antes de ir ao serviço dele. Vai ficar mau se nos vir assim. Também essa hora deve estar num dos países da Europa a passear. Mas calma, calma, eu tenho um plano. Segura o ferro e a jante, podes guardar em qualquer sítio, depois acho.

O menino tirou a máscara e se dirigiu para a porta de embarque. O pai passou a Tourada e

cortou para o Kassequel do Lourenço. A voz do velho a dizer que a sua filha tinha-se dirigido para o céu ainda passeava na sua mente e fazia-lo crer que ela estava viva. Passou o Mártires, sempre com a fotografia na mão, perguntando se alguém eventualmente tivesse visto a menina. Um agente de segurança de um dos bancos da região reconheceu, disse que a viu com um menino. Não tinha visto as jantes, mas indicou a direcção que eles seguiram. O coração do pai desacelerou um pouquinho. Seguiu o trajecto que o indicaram. O menino aproximou-se mais um pouco e caiu no meio dos dois agentes de biossegurança e dos polícias. Todos se assustaram.

— Afastem-se, afastem-se! — Gritou um deles.

O menino mudou a sua respiração, vinha seca, acelerada, ouvia-se a distância, tocava-se no pescoço e depois desacelerava. O procedimento voltava a se repetir. Os polícias se afastaram, instalou-se o caos, os agentes encostaram para medir a temperatura, mas estava boa. Isolaram o perímetro, mas antes disso a menina colocou o ferro e a jante no estacionamento e entrou pela porta de embarque, aproveitando-se do caos. A sala de embarque estava quase vazia. Muitos vôos foram cancelados pela enorme quantidade de casos

positivos de covid-19 nos países de destino. A menina andou, leu os destinos nas revistas que estavam disponíveis, os placares e... nada.

— Estás aqui com quem, menina? Uma voz suave se fez ouvir por trás. — Onde estão os teus familiares?

As lágrimas que a menina prendera durante todo o trajecto se lançaram para fora.

"Diz-me, diz-me o que posso fazer por ti, menina".

A menina, ainda calada, levou seus braços curtos à cintura da senhora e abraçou-a.

— Tia, aqui há táxi que vai para o céu? Algum avião tem esse destino?

A senhora, incrédula, porém comovida, abraçou-a com mais força.

— Não, infelizmente não, menina.

— E os que foram? Foram como? Perguntou a menina aos soluços.

— Nunca ninguém voltou de lá para dizer, menina. Vem, vou levar-te para casa.

— Não sei se quero voltar. A minha mãe...
a minha mãe não está lá... — Os soluços
aumentaram.

A senhora afastou o seu cabelo do rosto,
colocou a menina nos braços e varreu as lágrimas
da sua face com as costas da sua rugosa mão.

— Ela sempre estará. A distância entre a
terra e o céu é o coração. Ela agora vive dentro de
ti. Olha para uma fotografia de vocês duas a
sorrirem e ela estará lá. Vamos, vamos, aqui tem
um caso suspeito. Coloca bem a máscara... Assim,
assim mesmo.

As lágrimas continuaram a espreitar o rosto
do pai que quando chegou perto do aeroporto
encontrou o caos formado. Pessoas desciam dos
carros para filmar. O pai passou pelo pouco espaço
que havia e quando chegou no meio encontrou um
menino a ser puxado as orelhas. O menino da jante
parou de fingir, mas os polícias não gostaram nada
da brincadeira. Um deles ainda tentou dar uma
chapada, mas o menino esquivou-se e arranhou a
pele num prego que estava no chão, fazendo uma
pequena ferida. O pai virou-se, desapontado, não
era a filha que ali estava. Cabisbaixo, virou-se para
retomar a busca...

— Papá! Papáaa... — Gritou a menina, ainda no colo da senhora, com as lágrimas secas no rosto. O pai, assustado, olhou para trás e viu a menina a descer do colo da senhora e a correr em sua direcção.

— Su..Suzanaa... Suzana Ferreira, por que fizeste isso com o coração do teu pobre pai? Abraçou a filha fortemente. — Estás bem?

— Sim, ela está — respondeu a senhora do aeroporto. — Cuide bem da sua filha, preste mais atenção nela e nos seus sentimentos.

— Muito obrigado por ter cuidado da minha filha, senhora.

— Não me agradeça, não me agradeça. Ela cuidou bem de si sozinha...

— Sozinha não! — cortou a menina. — O menino da jante me acompanhou.

— Menino da jante, filha?

— Sim, Papá. Vamos, ele deve estar por aí. Despediram-se da senhora do aeroporto e foram à procura do menino. Olharam para o estacionamento, depois para onde estavam as pessoas, e andaram, passaram por elas até chegarem no meio.

— É ele, pai! É ele — apontou para o menino que ainda estava com os polícias. — Precisamos ajudar. Ele cuidou de mim, papá.

— Boa tarde, senhores. Esse menino é amigo da minha filha. Pelo que ouvi, comportou-se mal e peço perdão por isso, já não voltará a acontecer. Podem soltá-lo, eu levarei ele para o hospital.

— Esse menino precisa de um bom correctivo — anunciou um dos polícias. — Melhor mesmo falar com os pais dele depois. Podem levar. Pegaram o menino e ajudaram-no a levantar.

— A jante?

A menina foi buscar a jante e o ferro e levaram o menino para o hospital onde o pai da menina trabalhava. Fizeram um curativo e deram-no de comer. Victor, irmão da menina, tinha acabado de chegar ao hospital.

— Ainda não sei o teu nome, menino da jante. — O menino sorriu.

— Olha o céu... O céu afinal também é cinzento.

— Não, não. A senhora do aeroporto já me explicou. O céu é da cor do nosso coração. Não disseste o teu nome...

— O meu nome é Moisés, mas todo mundo me chama de menino da jante...

O paciente da cama ao lado, que até então mantivera-se calado, largou o telefone e olhou para os mais novos. A menina Suzana percebeu.

— Como é ser crescido, Mano?

O paciente soltou um sorriso tímido.

— O quê, menina? Como é ser crescido? Repetiu a pergunta para confirmar o que ouvia.

— Sim, Mano. Como é ser crescido? Perguntou Suzana, insistente.

O paciente ajeitou a almofada e endireitou o corpo.

— Nunca parei p'ra pensar nisso, então não tenho uma resposta tão formada... — Pela primeira vez desde que começou a conversa a sua cabeça virou-se ao menino e assim continuou a falar. — Mas... crescer é desgastante. É verdade que tomas as tuas próprias decisões, formas a tua família, mas não deixas de ser dependente.

— O que é ser dependente? Perguntou o menino Moisés.

— É ser limitado, depender sempre de alguém para fazer uma coisa.

— Ah, se for assim todos nós somos. Minha mãe me dá banho, o pai da menina ainda leva ela para a escola. Somos dependentes e até acho bom. A menina pôs-se a rir.

— Miúdos, a situação é mesmo essa. Quando se é novo as acções são dos outros e a culpa de algumas atitudes erradas vão sempre cair sobre os mais crescidos. O que acontece quando crescemos é diferente. Nós somos esses adultos aos quais recaem as culpas. A liberdade é uma fantasia. Responsabilidades aumentam, dívidas, os sonhos começam a ficar empoeirados e a maioria deles chega mesmo a desaparecer.

— O papá uma vez disse que queria ser jogador de futebol, mas ele se tornou um médico. Que bom...

— Que bom como, menina? O sonho dele se foi! — disse o paciente, levantando um pouco a voz. Seus olhos acenderam e o semblante frustrado vestiu-lhe a cara.

— Desculpa, Mano, mas é que, se o pai não se tivesse tornado médico, ele não curaria a perna do Moisés e a tua queimadura e, talvez, estivessem agora a viver apenas no meu coração, no céu, tal como a mamã.

O paciente ficou em silêncio. No mesmo instante o pai da menina entrou no quarto, despediu-se do paciente e do Moisés, e foi para casa com a menina e o irmão.

NOTA FINAL

Este conto é parte do livro “Nó(s) e Luandas” que será lançado no segundo semestre de 2022. O autor está aberto para conversas em torno do conto, conselhos e sugestões.

Sigam o autor nas suas redes sociais:

Telmo Pires — Escritor, no facebook.

Telmo_Pires2, no Instagram.

SOBRE O AUTOR

Telmo Artur de Castro Pires, nasceu aos 13 de Novembro de 2000, nas Ingombotas, Luanda. Apaixonado pela literatura desde os seus 12 anos, depois de ter lido o livro “Kena, a menina do rio azul”, de Selopes. É estudante de Contabilidade e Auditoria e co-fundador e membro da biblioteca comunitária Mujango. A sua ligação com a escrita é recente, mas tem procurado aprimorar as suas técnicas com a leitura e participando em oficinas de escrita criativa. “Suzana e o menino da jante” é a sua primeira obra publicada das muitas que ainda virão.